

A identidade teuto-brasileira em debate

ARTHUR BLASIO RAMBO*

Introdução

Os vinte anos – 1918-1939 – que separaram o final da Primeira Grande Guerra do início da Segunda, marcaram indelevelmente os descendentes dos imigrantes alemães nos estados do sul do Brasil. Este universo compreendia, então, descendentes de até quarta geração dos imigrantes mais antigos. A imensa maioria deles, especialmente os das comunidades rurais, mantinham-se de um lado fiéis à língua, aos costumes e aos valores de seus ancestrais, e, de outro, assumiam-se, no plano legal, como cidadãos brasileiros com todas as conseqüências inerentes a tal situação.

No recorte temporal escolhido, o teuto-brasileirismo viveu a sua consolidação e alcançou o seu apogeu. Foi neste período que o teuto-brasileiro, aquele cidadão brasileiro peculiar, fruto da imigração alemã no Brasil, que se assumia como cidadão brasileiro e como tal vivia, agia e ao mesmo tempo se achava no direito de continuar a viver de acordo com os hábitos e os costumes de seus antepassados e a cultivar seus valores e principalmente a falar a sua língua, refletiu e discutiu no círculo de suas lideranças intelectuais sobre essa sua identidade de dupla face e aparentemente contraditória. O fruto dessa gênese histórica ficou conhecido e ainda hoje é conhecido pelo qualificativo de teuto-brasileiro. Teuto, porque vivia de acordo com os costumes, os hábitos, os valores e falava a língua de seus antepassados. Brasileiro, porque nascera em território brasileiro, como brasileiro fora registrado e como brasileiro se assumia e agia.

* Professor do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, São Leopoldo, Brasil.

Não resta dúvida de que a identidade teuto-brasileira assumiu nuances claramente perceptíveis de acordo com a filiação confessional, de acordo com o meio urbano e rural e de acordo com correntes divergentes no mesmo contexto. A definição e a consolidação desta identidade foi alimentada, no período em foco, por uma abundante e rica produção literária, veiculada pelas mais diversas modalidades de imprensa da época. Essas fontes dividem-se em quatro categorias distintas: aquelas que refletem o pensamento teuto-brasileiro católico, as que refletem o pensamento teuto-brasileiro luterano, as que refletem o pensamento teuto-brasileiro liberal e, finalmente, as que refletem o pensamento sobre a questão teuto-brasileira de autores luso-brasileiros.

As três primeiras vertentes do pensamento teuto-brasileiro valeram-se do mesmo tipo de veículos para divulgar seu ponto de vista. No mundo protestante circulava o jornal *Deutsche Post*, o almanaque *Kalender für die Deutschen in Brasilien*, além dos escritos de Wilhelm Rotermund, Hermann Dohms e de outros autores menos conhecidos, mas que publicaram seus estudos em *Deutsche Evangelische Blätter für Brasilien*. A vertente liberal teve nos jornais *Deutsche Zeitung* e *Neue Deutsche Zeitung*, além do *Koseritz Kalender*, os veículos preferidos para a sua divulgação. Os católicos tiveram o *Deutsches Volksblatt*, o almanaque *Familienfreund Kalender*, a revista mensal *St. Paulusblatt* e a publicação também mensal *Lehrerzeitung*. Destaques merecem ainda, no mundo católico, os escritos de Hugo, Franz e Wolfram Metzler, e do padre jesuíta Theodor Amstad. No pensamento luso-brasileiro sobre a questão do teuto-brasileirismo destacaram-se Aurélio Porto, Ernesto Pellanda e Leonardo Truda.

Franz Metzler publicou em 1936 no *Deutsches Volksblatt* uma série de reflexões sobre o tema "Teuto-Brasileirismo" e "Identidade-Brasileira". O primeiro conjunto dessas reflexões foi por ele reunida num livro sob o título *Volkstum und Volksgemeinschaft*. Trata-se de uma coletânea de ensaios de 16 autores diferentes sobre o tema. O segundo texto faz uma apreciação das divergências na maneira de conceber o conceito "Teuto-Brasileirismo" sob o título original "Deutschbrasilianische Auseinandersetzungen". Um terceiro documento, com o título "Deutschbrasilianische Probleme", procura esclarecer os conceitos básicos que envolvem os conceitos: Teuto-Brasileiro, Teuto-Brasileirismo, Brasileiro de Origem alemã, que, na visão de Franz Metzler, como formador de opinião através do jornal *Deutsches Volksblatt*, subjazem a toda a questão da identidade teuto-brasileira. É parte deste documento que oferecemos aos interessados na temática, numa tradução a

mais fiel possível, pois trata-se de um texto escrito num linguajar bastante complicado próprio do autor. Segue o documento.

* * *

O Teuto-Brasileiro

A matéria que segue é teórica e árida, mas serve a seguir como fundamentação para uma série de reflexões. Através delas pretende-se tirar as conclusões práticas dos conhecimentos teóricos aqui discutidos. Pede-se por isso ao estimado leitor, que não negue a sua atenção para o que vamos expor.

Certa vez um proeminente especialista vindo da Alemanha (foi em 1928) proferiu uma palestra no Turnerbund [Sociedade Ginástica, Porto Alegre], assistida por uma considerável platéia. Depois da sua fala, um círculo menor de ouvintes especialmente interessados, continuou, numa conversa informal, a desenvolver a linha de pensamento exposta na conferência. No meio do diálogo o palestrante emitiu a seguinte sentença: "O teuto-brasileiro é uma criatura merecedora de pena. Não sabe para onde pertence. Na sua dúvida pendula de um lado para o outro, entre a germanidade e a brasilidade".

Não faltaram manifestações de teuto-brasileiros presentes posicionando-se decididamente contra essa sentença. Venceu a maioria com o argumento: O teuto-brasileiro não tem noção do que seja terra natal (Heimat). Desta maneira a minoria teuto-brasileira foi posta em xeque-mate pelo círculo majoritário dos alemães natos, apelidados também de alemães do Reino (Reichsdeutsche).

O senhor que conduzia a conversa apresentou como prova a seguinte comparação: Se alguém perguntar a um colono da Marca, da Vestfália ou da Suávia se está disposto a vender a sua propriedade, terá como resposta: "Minha terra natal não está à venda!" Se, ao contrário, fizermos a mesma pergunta a um colono riograndense, sua resposta será: "Quanto me pagas?" Infelizmente, em termos gerais, a constatação é válida. Considerações longas e profundas teriam sido necessárias para demonstrar o equívoco da afirmação, isto é, que o teuto-brasileiro carece da noção de terra natal.

Mas o teuto-brasileiros não são dados a polêmicas inúteis! O melhor que se pode fazer é ignorar o julgamento apressado do hóspede que cruzou o oceano para uma breve visita. Dos alemães natos aqui radicados, porém, espera-se que tenham uma compreensão mais profunda do mundo teuto-brasileiro. Mas o que decide é que nós próprios tivemos, e temos ainda, a consciência de como e onde nos situamos.

Uma coisa é certa. Os teuto-brasileiros se fazem presentes quando se festejam datas da história alemã, e quando o sete de setembro dos brasileiros é festivamente comemorado, marcam presença também. Quem interpreta essa atitude como um pendular de cá para lá, que o faça sem problema. Nós o interpretamos como o equilíbrio entre a fidelidade ao país de nossos antepassados e o nosso amor pela nova pátria. A fim de colocar a questão em bases objetivas é preciso examinar os conceitos de etnicidade e nacionalidade.

É provável que o sentido dos termos etnicidade e nacionalidade sejam muito vagos e indefinidos para nós. Quem sabe foi exatamente por essa razão que o equilíbrio de que se falou fosse tão fácil. Caso trabalhássemos com conceitos bem acabados, teríamos tropeçado provavelmente em conflitos internos de solução nada fácil.

Não nos apercebemos dos conflitos, porque se achavam latentes mas com potencial de gerar problemas para o futuro. Os alemães recém-vindos fizeram com que nós nos apercebêssemos do fato. Tínhamos a convicção de termos alcançado o ponto de equilíbrio. Os outros, porém, nos vêem oscilando. Entre esses outros incluem-se também os nossos concidadão brasileiros. A nossa ignorância nunca nos permitiu entender porque nem os alemães natos, nem os brasileiros inteiramente afastados de seus antepassados, não nos aceitavam como pessoas plenas.

De há muito essa realidade nos deveria ter preocupado. Determinadas circunstâncias fizeram com que não nos déssemos conta do verdadeiro sentido dessas manifestações. Os alemães que aqui se fixaram evoluíram com muita rapidez para aquilo que nós somos, isto é, teuto-brasileiros. Assimilaram-se conosco na unidade do teuto-brasileirismo, para o qual contribuíram, além deles e nós, os suíços, os austríacos e muitos outros. Também os seus descendentes colaboraram na formação da unidade na qual nos sentimos seguros.

Nessas condições, o teuto-brasileirismo não tinha como fazer um balanço de si mesmo. A preservação do teuto-brasileirismo talvez fosse estimular essa iniciativa. Entretanto os problemas inerentes à frágil harmonia entre o heterogêneo-homogêneo do teuto-brasileirismo leva à rejeição por parte dos brasileiros, tomando-a como uma deformação por causa dos costumes dos nossos antepassados. Na verdade tanto nós como o brasileiro estamos de acordo que sujar o próprio ninho é próprio do degenerado. Ele não pede de nós que nos reneguemos a nós mesmos, mas que assumamos uma posição clara e inequívoca.

A interpretação errônea da nossa maneira por parte dos brasileiros com certeza sempre existiu, pois manifestava-se na forma de animosidade da parte de indivíduos isolados contra a nossa presença. Até os anos da guerra, entretanto, o Brasil oficial jamais procurou interferir ou influir em nós com os instrumentos de poder de que dispunha. Tanto isto é verdade que se medidas administrativas deste tipo tivessem sido tomadas, teriam resultado em intervenções, por exemplo, no âmbito da educação. A evolução geral dos acontecimentos ainda não tinha chegado a este ponto.

Na eventualidade de que o povo alemão tivesse exigido de nós um relacionamento para com a nossa terra de origem (a Alemanha), tanto quanto o povo brasileiro em relação ao Brasil, não nos teria passado despercebida a nossa peculiar relação com os dois grandes povos. A Alemanha não exigiu de nós nenhuma tomada de posição. Se nos tempos de pré-guerra os imigrantes passavam por filhos extraviados, esquecidos e renegados, quanto mais seus descendentes. Antes da fundação do império depois da guerra contra a França, simplesmente não havia instância pela qual um estado alemão tivesse credenciais de avocar a si a condição de patrocinador da germanidade no estrangeiro.

Se não obstante os alemães emigrados e seus descendentes mantiveram-se fiéis à sua maneira de ser alemã, fizeram-no por decisão livre e espontânea, levados, de um lado, por motivações pessoais e, do outro, premi-

dos pela necessidade de harmonizar-se com homens do mesmo feitio e homens com características diversas em meio a um contexto fechado e pouco evoluído.

Na suposição de que a fidelidade à germanidade tivesse sido uma exigência da Alemanha ou de setores alemães, os teuto-brasileiros de fato não poderiam ter ignorado os conflitos que realmente poderiam acontecer. Nessas condições, teria sido impossível desenvolver-se, apesar de todas as sissões e distorções, um teuto-brasileirismo na sua essência coeso. Pelo contrário, a evolução teria conduzido necessariamente a uma bifurcação, derivando de um lado para o teuto-brasileirismo e do outro para um germanismo no Brasil (*Deutschbrasilianertum* – *Brasil-Deutschtum*). Os dois conceitos são de uso corrente e são empregados para o mesmo fenômeno com sentidos equivalentes. Na entonação correta, porém, o acento no primeiro conceito incide sobre “brasileirismo” e no segundo sobre “germanismo”. Observando os fatos, conclui-se que os dois conceitos se situam em meio a uma realidade histórica. É possível que a evolução divergente própria da natureza da questão se desencadeie a qualquer momento. Basta que o teuto-brasileirismo seja colocado por ambas as tendências como meio termo antes de acontecer a bifurcação.

A tensão entre as duas tendências, que no Brasil se confundem no mesmo conceito, “germanidade”, no sentido mais amplo, acarretaria como conseqüência o total abandono do teuto-brasileirismo por parte daqueles que cultivam a germanidade. Não se trata de afirmação sem fundamento, mas de uma conseqüência lógica de um processo que aqui não cabe explicitar mais de perto. No final do processo o “germanismo no Brasil”, certamente muito diminuído e muito encolhido, subsistiria como o verdadeiro germanismo no Brasil.

Como vimos, não existiam no passado pressupostos para uma evolução desta natureza. A adesão à germanidade foi o pressuposto objetivo para uma adesão ao teuto-brasileirismo. É nestes moldes que se nos apresenta a situação antes da guerra. Durante a guerra não houve alteração no processo graças à liberdade e a vontade individual. Depois da guerra se mostrou em todo o seu esplendor, continuando até hoje na forma como o observamos.

Voltemos à tese do proeminente estudioso em viagem: “Que o teuto-brasileiro é uma criatura merecedora de compaixão que, insegura e perplexa, pendula entre dois pólos”.

Reconhecemos que tem alguma razão. Conflitos internos e externos entre a etnicidade alemã e a nacionalidade brasileira são possíveis no íntimo das pessoas. Acontece que os conflitos em potencial para o conjunto dos teuto-brasileiros, quase não saíram do âmbito das possibilidades e fazem parte do mundo real. O nosso teuto-brasileirismo viveu até os anos da guerra os dias felizes da juventude que ignora problemas. Os teuto-brasileiros, portanto, não mereciam compaixão. Ao contrário, eram dignos de inveja. Sem empecilho e sem ser forçado, o teuto-brasileirismo pode chamar-se assim e desabrochar na mais completa liberdade.

Fomos vistos como indecisos por aquele que quis ver em nós simplesmente ou alemães ou brasileiros. Trata-se de uma concepção equivocada a nosso respeito, pois fomos e ainda somos teuto-brasileiros.

A guerra e a evolução posterior dos acontecimentos induziu a alguma mudança nesta questão. Provavelmente foi esta a razão que levou o cientista teórico a formular uma sentença tão áspera, enquanto nós mesmos não

tínhamos percebido os conflitos que se anunciavam no horizonte. Continuamos sonhando o belo sonho da harmonia entre etnicidade e nacionalidade, construída com tanto esforço.

Desde então passaram-se anos e fica cada vez mais claro que é preciso lutar por aquilo que um dia foi uma dádiva da providência.

Teuto-Brasileirismo

Na matéria que precedeu, ocupamo-nos com o significado do conceito "teuto-brasileiro". Pressupomos que se trata de uma realidade social e aceitamo-lo como um dado prévio. Ocupemo-nos agora mais de perto com este conceito. Procedamos a uma análise exaustiva a seu respeito – a nosso respeito (pois quem dirige essas linhas aos teuto-brasileiros, e para o conhecimento dos alemães em geral, é ele próprio um teuto-brasileiro).

O termo "teuto-brasileiro" é na verdade uma formulação infeliz, que facilmente leva a conceituações pouco claras. Entre nós sabemos o que somos ao nos denominarmos teuto-brasileiros. O estrangeiro, porém, que experimenta entender o termo, está sujeito a tirar conclusões falsas e equivocadas.

Uma das conclusões possíveis do termo é que o teuto-brasileiro é o descendente de um casal em que um dos parceiros é alemão e o outro brasileiro. Esta interpretação verifica-se, por exemplo, quando se entende como iguais os sentidos atribuídos ao teuto-brasileiro e ao franco-alemão. O teuto-brasileiro do qual falamos aqui é, no entanto, descendente de ambos os lados de pais alemães ou, se recuarmos mais, descendente de antepassados alemães, ou, quem sabe, até pode ser um alemão nato. Em muitíssimos casos nem o teuto-brasileiro nem seus antepassados tiveram qualquer coisa a ver com a germanidade enquanto significa nacionalidade alemã (pertencimento ao Estado alemão), como o entendem os alemães. Nunca se fez, por exemplo, uma distinção entre teuto-brasileiros e austríaco-brasileiros. Certa vez um oficial de alta patente do exército brasileiro, descendente de austríacos, apresentou-se ao autor como teuto-brasileiro.

Do termo é também possível concluir que o teuto-brasileiro é alguém portador de dupla nacionalidade, alemã e brasileira. Essa situação peculiar é relativamente freqüente. Não é, porém, a dupla nacionalidade que decide que alguém seja teuto-brasileiro ou não.

O termo pouco feliz "teuto-brasileiro" contém em si também uma conotação depreciativa. É por exemplo, o caso do teuto-americano, que tanto na América como na Alemanha leva o estigma de "americano de transição ou alemão de transição". Estamos dispostos a que nos chamem de "brasileiros em transição" ou, respectivamente, "alemães em transição"?

Apesar de tudo continuemos nos valendo da expressão, pois, contém um sentido que requer um esclarecimento. E não apenas isso. Trata-se antes de mais nada de uma realidade social, cujas características queremos identificar.

No momento em que alemães ou pessoas de fala alemã emigram de seus países de origem na Europa, oferecem-se a eles duas possibilidades no estrangeiro. Ou permanecem até o fim alemães ou de pertencentes a qualquer outra identidade que possam por ocasião da viagem, o que aliás seria o normal, ou adotam a cidadania da nova terra, renunciando à cidadania do país de origem quando encontram no país de destino uma segunda pátria definitiva e que um dia abrigará a sua sepultura. A ninguém assiste o direito

de condenar tal decisão ou considerá-la como uma vergonha. Temos aqui o primeiro tipo de teuto-brasileiro. O Brasil ocupa a posição de país de destino, assim como caracterizado acima. O então alemão e agora cidadão brasileiro votará a sua fidelidade à nova e única pátria (pátria é a terra pela qual, em casos extremos, não é apenas permitido, mas é um dever derramar o sangue, realidade que vale para todos os cidadãos, também os naturalizados). De outra parte, porém, naturalizando-se não renega a velha pátria, sua cultura, o torrão da sua juventude, o povo do qual procede. A via pela qual cada um constrói o equilíbrio entre as duas grandes realidades, objetos de seu amor, a terra em que vive e o sangue que corre em suas veias, é uma tarefa individual. Se for bem sucedido terminará transformando-se em teuto-brasileiro.

O segundo caso se verifica quando pais alemães têm a felicidade de terem filhos no estrangeiro, que se lhes tornou uma segunda pátria. Neste caso têm assegurada para eles a nacionalidade da terra em que nasceram (segundo o princípio do "ius soli", as crianças nascem com a nacionalidade brasileira). É o caso normal, pois por esta via garantem para os filhos uma pátria que ao mesmo tempo é sua terra natal. Aos pais assiste também o direito à alternativa de preservar a sua própria nacionalidade para os filhos. Essa decisão de forma alguma fere a honra. Os filhos, neste caso possuem uma pátria que não é a terra onde passaram a juventude, que não pode ser, portanto, a sua terra natal, a qual só chegarão a conhecer após anos ou talvez nunca. Os filhos de alemães nascidos no Brasil, detentores da nacionalidade brasileira por nascimento, representam o segundo tipo de teuto-brasileiro. Não alimentam nenhuma dúvida a respeito de quem seja sua terra natal e a sua pátria. São obviamente brasileiros de origem alemã. Acontece, entretanto, que pais alemães costumam inculcar nos filhos pela educação mais elementos da maneira de ser e de pensar alemão, mais amor e admiração para com a Alemanha e o povo alemão, mais do que seria recomendável, tendo em vista sua condição legal e objetiva de brasileiros no sentido pleno do termo.

As alternativas até aqui enumeradas são aquelas que não deixam dúvida. Paralelamente ocorrem modalidades mistas. São exatamente estas as mais características no Brasil. Ao alemão imigrado é facultado tornar-se brasileiro sem o compromisso formal de abrir mão de cidadania alemã (seu pertencimento ao Estado alemão). O brasileiro "automaticamente" naturalizado e que ao mesmo tempo preserva a nacionalidade alemã representa a terceira das categorias, e é o teuto-brasileiro mais legítimo, pois exhibe ao mesmo tempo a cidadania brasileira e a alemã. Também para ele resta a tarefa de harmonizar entre si a germanidade e a brasilidade, quando é exatamente dele que não se pode esperar que tire certas conclusões a respeito do Brasil, já que se tornou cidadão brasileiro sem a sua vontade expressa.

Uma criança nascida no Brasil adquire, mesmo contra a vontade, a cidadania brasileira, sem que lhe seja impedido o acesso à cidadania alemã. Temos aqui mais um exemplo de teuto-brasileirismo, apoiado na dupla cidadania. Na verdade, poucos pais fazem uso dessa possibilidade. Só neste caso lhes assiste pleno direito de educar os filhos como alemães. O teuto-brasileiro costuma transmitir espontaneamente mais germanidade aos filhos do que se espera interessar para a sua vida futura como cidadãos brasileiros. Pode-se distinguir ainda aquelas famílias que não querem ser brasileiras. Também elas contribuem para compor o quadro dos teuto-brasileiros.

Seria possível distinguir ainda muitos casos mistos ou casos especiais. Se quiséssemos reconstituir um panorama completo da gênese do teuto-brasileirismo, seria necessário considerar a participação de imigrantes de fala alemã oriundos da Áustria, da Suíça, da Rússia (teuto-russos), da Hungria (Siebenburg, Saxônia, Suevos de Banater) e outros mais. Não há necessidade de entrar em detalhes, contanto que tenha ficado claro que o começo do teuto-brasileirismo contou com a participação de um "material" muito heterogêneo e que no decorrer de um século evoluiu para uma unidade.

O teuto-brasileiro é o resultado de uma evolução natural e por isso mesmo apresenta uma fisionomia peculiar. Na sua evolução faltou-lhe a poda corretiva, como já mostramos na primeira matéria. O resultado é um brasileiro que tem a sua origem inequívoca no germanismo. Fica como tarefa futura examinar a relação *sui generis* do teuto-brasileirismo com o brasileiro e, por extensão, para com todo o povo brasileiro. Antes disso queremos seguir os fios que interrelacionam o teuto-brasileirismo e a germanidade.

O teuto-brasileirismo tem muito pouco a ver com o alemão como algo relacionado com o esplendor do império. Muito menos na medida em que aconteceu o encontro de todos que falam a língua alemã, fato que não os identifica necessariamente com o império alemão. O teuto-brasileirismo é uma forma de comunidade de sentimentos. Distingue-se obviamente da germanidade na Alemanha, devido às condições de vida e dos traços brasileiros específicos.

É uma comunidade livremente assumida por seus membros. Aquele que decidir pela não adesão não sofrerá nenhuma pressão para fazê-lo. O caminho para o brasileiro puro está aberto para todos, como também está franqueado o retorno ao germanismo "não falsificado". Há muitos Meier, Müller e Schulze que não entendem uma palavra em alemão. Não passariam de ridículos se insistissem em se considerar representantes do teuto-brasileirismo. De outra parte, há muitos que não foram capazes ou não conseguiram educar os filhos como teuto-brasileiros, e mais tarde redescobriram neles a veia "não falsificada" do alemão do reino.

A livre adesão se constitui na essência e na força do teuto-brasileirismo, e, quem sabe, também na sua fraqueza. Está em questão a adesão ao brasileiro no sentido de terra natal e pátria, e do outro lado, à germanidade como terra natal de origem, como povo de origem, como estirpe de origem e como maneira de ser original. Aquele que adere livremente reserva-se o direito de ninguém estranho lhe contestar a forma e o sentido de sua adesão. Por isso mesmo a liberdade de decidir no teuto-brasileirismo sofre pressões, contrapressões e resistências. Os movimentos nacionalizadores do lado brasileiro, antigos e variados, os quais até agora não identificamos com exatidão, não produziram efeito durante os cem anos da história "alemã" no Rio Grande do Sul. Há muitos anos um teuto-brasileiro respondeu a um nativista num artigo publicado no *Deutsches Volksblatt*: "A única maneira e mais segura para a completa nacionalização dos teuto-brasileiros é deixá-los em paz". A própria adesão ao teuto-brasileirismo já contém em si a aceitação do brasileiro. É preciso permitir ao teuto-brasileiro ser brasileiro como melhor condiz com as suas características e sua maneira de ser, caso pretenda que isso valha alguma coisa e signifique um ganho para os brasileiros no seu conjunto. A pressão nacionalizadora teve o efeito de despertar a consciência do teuto-brasileirismo.

Lembre-mo-nos desta constatação para quando em seguida nos ocuparmos com a singular relação do teuto-brasileirismo com a germanidade, no seu sentido mais restrito: o teuto-brasileirismo entendido como uma unidade surgida espontaneamente. Não se trata de um produto alemão no sentido exato do termo. Designa uma comunidade solidamente coesa em torno do amor à língua alemã, da fidelidade aos usos e costumes alemães, da admiração pela Alemanha e o povo-mãe. Identifica uma comunidade que viveu a sua existência com grande teimosia e persistência, alimentada com a energia oriunda de um lado da orgulhosa consciência de liberdade de adesão e do outro da oposição que lhe oferece o ambiente imediato em que vive. É provável que as pessoas individualmente não se deram diretamente conta do fato. Mas todos perceberam e ainda percebem que são teuto-brasileiros, que tiveram liberdade de sê-lo, que foram obrigados a sê-lo por necessidade interior caso quisessem justificar-se perante si mesmos. Para esses problemas não cabia uma solução racional. Na sua persistência em não abandonar a germanidade no seu sentido estrito, nos cem anos de história "alemã" no Brasil, o teuto-brasileirismo não foi nunca posto à prova. Explica-se assim que na literatura e na língua falada dizia-se simplesmente "germanidade" entendendo-se na verdade teuto-brasileirismo.

Há anos, porém, acha-se em vias de concretização uma mudança radical na relação do teuto-brasileirismo com a Alemanha. Será assunto de uma matéria futura.

Teuto-Brasileiro ou Brasileiro de Origem alemã?

O verdadeiro, o autêntico portador do teuto-brasileirismo é o brasileiro de descendência alemã nascido no Brasil, para quem o Brasil é ao mesmo tempo terra natal e pátria. Ele dá o tom no meio da grande família teuto-brasileira, pelo simples fato de, pelos cálculos, hoje representar 90% da parcela da população que fala alemão. E com justiça assiste-lhe o direito de dar o tom no meio teuto-brasileiro, porque aqui ele está em casa e é obrigado a engolir a sopa que muito imigrante hóspede da terra preparou. (Neste sentido deveria servir de lição a história do "Federação Germânica" (Germanischer Bund), que encerrou suas atividades nos primeiros anos da guerra. Com a entrada do Brasil na guerra teve um fim súbito e pouco glorioso).

No passado, o teuto-brasileirismo quase não fez uso deste seu direito natural. A razão está no fato de ele ter sido tolerante principalmente com os "alemães do reino", seus parentes de sangue. A tolerância constituiu-se numa marca do teuto-brasileiro, a tal ponto que pode ser considerado como um dos distintivos de sua maneira de ser. Alguém que participa de dois mundos, quem incorporou os traços do caráter de dois povos e logrou harmonizá-los entre si, este intui que, para além do seu círculo mais próximo, existe muita coisa com direito à existência. Este tipo de pessoa é tolerante. Devido a sua tolerância, o teuto-brasileiro jamais traçou uma linha divisória entre ele e os alemães. Levou a questão ao extremo de preserva-se da cômoda maneira de identificá-lo como "alemão" ao ponto de ser necessário empregar o termo "alemães do reino" ou "alemães da Alemanha", quando se queria identificar um alemão no sentido estrito do termo.

Essa maneira de falar, entretanto, levou nos últimos anos a não poucos infortúnios. Lamentavelmente as conclusões superficiais sobre o conceito são inevitáveis. É urgente desacostumarmo-nos a falar em "alemães no Brasil", quando nos referimos a nós mesmos. É preciso também tomar as

devidas precauções quando na Alemanha, ao referir-se a nós, ou quando se fala de nós, usar a expressão “alemães no Brasil”. Examinaremos a seguir a razão porque somos obrigados a nossa tolerância. Até aqui nos ocupamos da questão somente do ponto de vista alemão. Em nome da plenitude do nosso raciocínio, é necessário ficarmos atentos quando o luso-brasileiro nos chama de “alemães”. Não é de se admirar que para os nossos patrícios somos “alemães”, enquanto também nós comodamente nos denominamos “alemães” ou permitimos que os alemães o façam.

A Alemanha liderou uma guerra contra o mundo. Os teuto-brasileiros aplaudiram e festejaram com orgulho as vitórias alemãs. Solidarizaram-se no medo quando os inimigos se precipitaram com ímpeto crescente sobre a Alemanha. Sofreram quando também o Brasil entrou na guerra. Mantiveram-se fiéis à sua livre adesão ao teuto-brasileirismo. Ofereceram suas contribuições depois que a Alemanha foi derrotada. O teuto-brasileirismo venceu a sua prova de fogo.

Foi então que, após os humilhantes tratados de paz, que a Alemanha pisoteada descobriu a sua “germanidade no estrangeiro”. As minorias alemãs que resultaram dos tratados de paz chamaram a atenção da Alemanha para além de suas fronteiras, onde viviam alemães que já não eram mais cidadãos do Estado alemão. No velho império alemão, no auge do seu poder, somente os seus cidadãos tinham valor. A Alemanha do pós-guerra estendeu seu interesse para toda e qualquer “germanidade”, também fora de suas fronteiras. O interesse não se limitou às minorias alemãs artificialmente criadas na Europa. As atenções despertadas pelo conceito de etnicidade alemã, localizaram em todas as partes do mundo ilhas de germanidade. Descobriram também a germanidade no Brasil.

O que o orgulhoso Império Alemão não conseguiu, conseguiu a República Alemã durante a sua persistente reconstrução dos escombros da guerra. Foi ela que criou o conceito de “germanismo étnico” (Volksdeutschum). Procurou e identificou germanidade em todo o mundo, e tratou de ampará-la e fortificá-la. Este esforço é e continua sendo uma obra de alcance histórico.

Alegramo-nos pelo fato de termos finalmente encontrado reconhecimento na velha pátria de origem. Ainda mais que a Alemanha que se interessa por nós respeita plenamente a nossa cidadania brasileira. Empenhou-se também em não interpor nenhum obstáculo nas relações mútuas, evitando que entrássemos em conflito com a nossa pátria.

Acontece, porém, que os primeiros sinais de alerta estão aparecendo no horizonte dos dois povos jovens e amigos. Nem sempre fomos inteiramente diferenciados das minorias na Europa, que em última análise tinham chamado a atenção sobre nós. Nós, entretanto, não formamos uma minoria étnica no sentido jurídico do termo. Nossos antepassados vieram a esse país hospitaleiro na condição de indivíduos e por livre e espontânea vontade. Pelo seu trabalho e pela participação na conquista da terra, legaram-nos uma pátria e uma terra natal. Somos brasileiros pela nossa vontade e não somos “inferiores” porque algum acordo internacional imposto o exige de nós. É uma ofensa sermos comparados às minorias nacionais, fato que se repetiu não poucas vezes. Não passou também de uma ofensa nos terem considerado como “germanidade no estrangeiro”, como “alemães no estrangeiro”. E nós mesmos não nos esforçamos por esclarecer essa avaliação equivocada que se fazia a nosso respeito.

“Alemães no estrangeiro?” Será que nós teuto-brasileiros, brasileiros de origem alemã, vivemos aqui como alemães no estrangeiro?! Por acaso não se põe em dúvida o nosso amor à pátria e à terra natal, quando se insinua que nos sentimos como alemães no estrangeiro?! Sabemos que se trata de uma maneira de expressar imprecisa, superficial, cômoda, sem maldade e sem segundas intenções. Essa convicção arraigou-se a tal ponto que somos obrigados a declarar energeticamente: aqui estamos em casa, não somos estrangeiros.

No mesmo plano situa-se a maneira de falar que nos é atribuída, recorrendo a termos que, como “terra que nos hospeda”(Gastland), “nova pátria” ou até “pátria de adoção (o Brasil), em oposição à “velha pátria” (a Alemanha). Fala-se também em “nova pátria”, ficando pouco claro qual seja a nossa “velha pátria”. Como brasileiros de origem alemã reconhecemos apenas uma pátria, uma terra natal, o Brasil. Assim fomos educados e é uma questão de honra para nós teuto-brasileiros, que nos orgulhamos da nossa origem, que preservemos a sua maneira de ser e a sua língua. Porém não estamos dispostos a ouvir que nos falem sobre a “pátria de eleição” (Wahlheimat), sobre a “nova pátria” (neues Vaterland). Queremos ouvir falar da terra natal e da pátria de nossos antepassados, da “terra de origem”. Já que é obrigação falar em “terra Natal”, somos ouvintes atentos e gratos. Nossa “terra natal”, nossa “pátria”, e a maneira de nos relacionarmos com ela, é assunto nosso.

Não nos venham mais com o discurso que é preciso provar que somos “cidadãos leais” da nossa pátria. Quando da parte dos alemães se mostra tanta preocupação pela “lealdade para com a nossa cidadania”, chega-se à conclusão de que a doutrinação étnica a que estamos expostos, desde que fomos descobertos como “germanidade no estrangeiro”, contém exigências que nos colocam potencialmente em conflito com a lealdade de cidadãos. “Quando a esmola é grande o pobre desconfia”.

Isto não significa que as relações mútuas estabelecidas, desde o término da guerra, entre o teuto-brasileirismo, o povo e a terra de origem, tenham que ser cortadas sumariamente. É contudo necessário traçar uma linha divisória a ser respeitada quando a propaganda alemã não se cansa em argumentar com a gratidão da velha pátria para com a nossa lealdade. Neste caso, há um sério risco de sermos expostos aos maiores conflitos tanto internos quanto externos.

A sentença “aqui etnicidade, aqui nacionalidade” formulada e posta em circulação apenas depois da guerra, não foi capaz de superar de vez, num golpe só, a problemática relativa à nossa maneira de ser e que até então dormitara, e por isso mesmo não produzira efeito concreto. Afinal, que significa: Pertencer à etnicidade (Volkstum) alemã? Será que estamos em condições de falar em lealdade para com a nossa pátria, se no plano da etnicidade não lhe pertencemos, ou que ela se dê por satisfeita com a nossa “lealdade como cidadãos”, quando não queremos pertencer ao seu povo.

No momento em que nos propomos examinar na sua origem a relação entre a germanidade e o teuto-brasileirismo, é possível distinguir três fases: o velho império alemão, na verdade, não se preocupou conosco. Esse desinteresse alemão, como explicamos mais acima, foi um dos pressupostos que permitiu a formação do teuto-brasileirismo na sua configuração atual. A segunda fase desenvolveu-se sob o signo da união e do apoio às “forças alemãs”, dispersas pelo mundo. Pela sua curta duração, foi apenas um período

de transição. Resultou em muita coisa boa. Em linhas gerais, contou com o aplauso de nós teuto-brasileiros, mas desde logo exibiu algumas aberrações. Em meio a um entusiasmo cego e exagerado, nos atribuíram, sem mais nem menos, a condição de germânicos, a condição de germanidade no estrangeiro, confiando-nos um posto de vanguarda.

Somente agora que entramos na terceira fase de relacionamento com a Alemanha, tomamos plena consciência desses desvios firmemente enraizados. Trata-se da nova Alemanha que está projetando para fora das suas fronteiras as pretensões totalitárias implantadas no seu interior. Através de suas organizações visando o estrangeiro, chega até nós com exigências que como teuto-brasileiros e como brasileiros não podemos de forma alguma aceitar.

Não é aqui o lugar para entrarmos em detalhes, embora seja inevitável considerar algumas particularidades ao longo da presente série de artigos. É preciso contudo chamar desde já a atenção para o fato de que não passa de uma monstruosidade a exigência que a coordenação da "germanidade" daqui seja feita pelas organizações partidárias da Alemanha. Uma estratégia desta natureza terá necessariamente como consequência que o teuto-brasileirismo se retire da grande comunidade que até este momento convenhamos chamar de "germanidade".

No primeiro artigo desta série acentuamos que a formação de um teuto-brasileirismo no sentido genérico é o fruto do encontro de felizes coincidências. A pressão nacionalizadora vinda do lado brasileiro e a liberdade de aderir à germanidade constituíram-se nos pressupostos da gênese do teuto-brasileirismo. Da hipótese de que também a adesão à germanidade tenha sido forçada, concluímos que a evolução da descendência dos imigrantes alemães teria sido posta numa encruzilhada: o confronto entre teuto-brasileiros, melhor brasileiros de descendência alemã, e um grupo de alemães vivendo no Brasil.

Esse tipo de evolução encontra-se hoje em pleno andamento. Há vinte anos, quando se perguntava a um rapaz de origem alemã: "Que és?", a resposta era falsa: "Eu sou alemão". Hoje, em muitos casos já não se ouve a declaração: "Sou teuto-brasileiro", conceito que até aqui empregamos positivamente. Responderá com todo o entusiasmo: "Sou brasileiro de origem alemã".

O professor Dr. Hans Krieg, de Munique, escreve num excelente artigo, digno de ser lido, intitulado "Alemães na América do Sul", publicado em Buenos Aires (março de 1935) na conceituada revista Lasso, afirmando que a última expressão está perfeitamente correta. Sugerimos para a reflexão, no final do artigo de hoje, que o conceito e a essência do teuto-brasileirismo ainda se encontra amparado na germanidade como um valor cultural, coisa que no conceito "brasileiro de origem alemã" não se verifica. O brasileiro de origem alemã passa a transformar-se facilmente num brasileiro (de origem alemã). A seguinte fase evolutiva faz com que se torne desnecessária a adjetivação contida no parênteses. O processo andarà tanto mais acelerado quanto os alemães da gema no Brasil se puserem a negar arrogantemente aos teuto-brasileiros os valores e a própria essência de seu caráter, por não atenderem às exigências de submissão ao tutelamento.